

Jovens de periferia e a cidade: trajetórias de vida e processos de individualização (Florianópolis, 2000-2010)

Francisco Canella*

Introdução

O reconhecimento da juventude como uma fase de desafios é particularmente mais verdadeiro para os jovens das periferias urbanas empobrecidas do Brasil. Embora não haja novidade alguma nessa afirmação, dado o amplo conjunto de pesquisas nesta área nas últimas décadas, a diversidade de situações encontradas nos impulsiona a investigações cada vez mais criteriosas, a fim de evitarmos generalizações sobre os jovens pobres urbanos no Brasil. O processo de autonomização do sujeito, como parte da transição para vida adulta que caracteriza a juventude, implica na ampliação de laços sociais para novos espaços e no afastamento daqueles ligados às agências de socialização, como a família, a escola, a vizinhança. A forma como esse processo ocorre é bastante variada, dependendo de fatores como classe social, gênero, etnia, espaço de moradia, diferenças regionais, diferenças entre ambiente urbano ou rural, entre outros (Novaes, 2006). Daí o constante emprego do termo juventudes, no plural, para assinalar essa diversidade. No caso dos jovens de uma localidade da periferia de Florianópolis, o interesse recai em entender a tensão existente entre esse ingresso num conjunto mais amplo de relações,

* Doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e professor efetivo do Centro de Ciências da Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). E-mail: franciscocanella@hotmail.com.

representado aqui pelo mundo da cidade, e os espaços locais de convivência. O objetivo do artigo é discutir o processo de inserção no mundo da cidade de jovens de uma localidade da periferia empobrecida de Florianópolis, analisando as mudanças nas suas relações com os espaços locais de participação.

A especificidade histórica da localidade analisada neste artigo conduz o olhar para os espaços de participação política. Busca-se elucidar os mecanismos por meio dos quais essas relações entre a cidade e o plano local são construídas pelos atores sociais, dependendo de suas escolhas e do campo de possibilidades existentes. A premissa é que o destino social desses jovens pode ser mais bem compreendido se analisarmos a relação com o espaço da cidade, seja no nível local, seja na relação com a esfera mais ampliada da cidade. Além disso, outra exigência desta abordagem é a compreensão da forma como os jovens se percebem, por quais categorias se identificam e significam suas experiências. Assim, o artigo tem como foco a perspectiva dos jovens sobre este processo, optando-se, para tanto, pelo recurso à história oral.

A pesquisa foi desenvolvida também por meio da observação participante, proporcionada pelo contato com os moradores durante as atividades de pesquisa e de extensão como professor da universidade, mas também na condição de alguém que havia sido no passado um apoiador do movimento – fato que, sob muitos aspectos, favoreceu a inserção no campo de pesquisa. Há um inegável componente etnográfico no olhar que orienta a investigação aqui apresentada: como observa Franco Ferrarotti, o objeto da investigação, “longe de ser passivo, modifica continuamente o seu comportamento de acordo com o observador” (Ferrarotti, 1991, p. 172). Tal dimensão não tinha como não ser incorporada à pesquisa.

O primeiro contato que estabeleci com os moradores foi quando começaram seu processo organizativo em torno do movimento dos sem-teto, em 1989. Sua história, junto com a do conjunto de lutas do movimento por moradia, foi incorporada em minha dissertação de mestrado (Canella, 1992). A partir do final da década (1998) retomei o contato por meio de projetos de pesquisa e de extensão universitária e, em 2011, finalizei uma tese de doutorado sobre as experiências e memórias dos moradores da Nova Esperança (Canella, 2011).¹ O presente artigo é resultado do conjunto de pesquisas desenvolvidas ao longo de duas décadas (1990-2010).

1 O artigo refere-se às análises contidas nos capítulos 2, 5 e 6 dessa tese.

Os principais depoimentos aqui apresentados foram coletados entre 2008 e 2010, e referem-se aos relatos de experiências vividas por jovens que, quando da realização das entrevistas, tinham idades entre 18 e 25 anos. Alguns desses entrevistados eu conhecia desde a infância, em razão do longo período de inserção como pesquisador e extensionista na localidade. O contato intenso com algumas das famílias desses jovens permitiu que fossem incorporados à análise elementos obtidos ao longo do período de convivência.

O grupo de jovens aqui analisados, a segunda geração, tem em comum em suas trajetórias de vida a participação em projetos socioeducativos desenvolvidos por meio de um programa de extensão universitária, o qual posteriormente encaminhou-os para estágios de trabalho em diferentes órgãos públicos e entidades do terceiro setor. Podem ser designados pelo termo proposto por Regina Novaes: *jovens de projeto*.² Tal fato comum a eles os tornou um grupo bastante diferenciado no contexto de sua localidade, a qual é marcada pelos elevados índices de desemprego, violência e criminalidade. São os jovens que “deram certo”. A participação em projetos socioeducativos e o ingresso em estágios para iniciação ao trabalho desempenharam o papel de integração com o mercado, com a vida da cidade e fortaleceram os laços na localidade.

Da participação à desmobilização

A localidade aqui analisada denomina-se Nova Esperança, e é uma das nove *comunidades* (este é o termo empregado pelos moradores e associações) que constituem o Conselho de Associações da Região do Monte Cristo (Carmocris). Situa-se na parte continental de Florianópolis, próximo à divisa com o município de São José, às margens da via que liga a BR-101 à ponte que dá acesso à parte insular de Florianópolis. Assim como outras localidades do bairro, seu surgimento está ligado ao movimento dos sem-teto, que no final dos anos 1980 e início dos anos 1990 organizou ocupações de terrenos em

2 Os *jovens de projeto* são aqueles que constituem o público-alvo de iniciativas protagonizadas por ONGs e fundações empresariais em favelas e áreas de pobreza das grandes cidades. Tais jovens se apropriam de suas ideias, palavras e expedientes, incluindo-as em suas estratégias de sobrevivência social (Novaes, 2006).

diferentes áreas de Florianópolis, além de ter prestado apoio ao processo de negociação de outras áreas ocupadas de forma espontânea na cidade.

O movimento dos sem-teto inscreveu-se numa conjuntura mais ampla de mobilizações coletivas. A emergência dos movimentos sociais e o crescimento urbano fizeram com que, durante os anos 1980, se rompesse com a imagem de Florianópolis como cidade pacata e provinciana.

O cenário de conflitos na cidade acompanhou a conjuntura nacional: a década de 1980 é denominada por muitos analistas do período como a “década da participação” ou a “conjuntura da cidadania” (Sader, 1988; Telles, 1985; Gohn, 1997; Doimo, 1995). Em Florianópolis há um conjunto diversificado de atores em movimento nesse período, destacando-se um ativo movimento sindical (notadamente de bancários, professores, eletricitários, entre outras categorias), o movimento ecologista – o Movimento Ecológico Livre (Mel) –, o movimento estudantil e um nascente movimento de bairros, organizado em torno da Ufeco (União Florianopolitana de Entidades Comunitárias). Com relação ao movimento de bairros, a Ufeco confrontava os institucionalizados e controlados conselhos comunitários criados durante o período militar com o objetivo de conter e tutelar as demandas urbanas surgidas em torno de questões envolvendo a moradia, infraestrutura e equipamentos urbanos. A Ufeco é emblemática desse período: criada durante o exercício do prefeito Edison Andrino (1986-1988), do PMDB, por setores de oposição aos partidos conservadores (em especial, PDS e PFL), buscava viabilizar e ocupar espaços de participação popular que estavam sendo criados nessa gestão, como os conselhos municipais (de saúde, transporte, de desenvolvimento) e o orçamento participativo. Foi nesse cenário que emergiu o movimento sem-teto em Florianópolis, com mobilizações (como ocupações de terrenos, ocupações de prédios públicos, passeatas) que conquistaram visibilidade na cidade. Na época, a localidade contava com 250 mil habitantes e tinha uma política hegemônica por políticos ligados a famílias tradicionais, e que contavam com redes clientelistas muito presentes e atuantes.

Nas palavras de Maristela Fantin (1997, p. 166), Florianópolis: “foi deixando de ser uma cidade aparentemente tranquila para se tornar um foco de protestos e de negações”. Isso se deveu muito ao movimento sindical e estudantil. No final da década de 1980 um novo tipo de ator social emergiu no cenário dos conflitos da cidade: Florianópolis foi sacudida por ocupações organizadas pelo movimento dos sem-teto. Integrado por moradores pobres da cidade, muitos vindos do interior ou de estados vizinhos, o movimento

apoiado por membros do clero progressista da igreja católica teve uma clara preocupação pedagógica. Concentrou-se não só na conquista de suas reivindicações, mas também na formação de lideranças, pois o envolvimento em ações coletivas e o contato com a política era uma novidade para a maioria dos sem-teto. Os moradores que participaram das mobilizações tiveram suas vidas modificadas a partir dessas experiências: habitantes de novos espaços da cidade, ocupando a periferia que se expandia em Florianópolis, passaram a vivenciar novas relações de sociabilidade, nas quais o passado de lutas se fazia presente, com suas marcas mais visíveis no espírito comunitário e no forte sentimento de união coletiva.

No entanto, duas décadas após, num contexto de desmobilização coletiva e de privatização das relações na localidade, não mais se encontrava no comportamento da nova geração a mesma prática associativa da geração de seus pais, e sua inserção na cidade acontecia por meio de estratégias individualizadas.

A rica dinâmica de sociabilidades, marcada por um claro componente político e utópico, não estava mais presente no final da década de 1990. Também nesse período Florianópolis acompanhou a conjuntura nacional. É possível identificar um ciclo de movimentos sociais que se inicia no final dos anos 1970 e se estende até o início da década de 1990. Com os elevados índices de desemprego, a desregulamentação das relações de trabalho e uma política que avançava no sentido da criminalização dos movimentos sociais, os anos 1990, especialmente a sua segunda metade, ficaram marcados pela desmobilização e desarticulação de movimentos sociais, em especial dos movimentos sociais urbanos (ou movimentos populares).

E isso se refletia no plano interno e cotidiano da localidade. As sociabilidades tinham como marca a desarticulação coletiva e a privatização do cotidiano. Não havia mais uma associação de moradores ativa e representativa da coletividade. Também não se percebia qualquer outra contrapartida associativa, mesmo que não política, como, por exemplo, momentos festivos ou de lazer que reunissem um coletivo mais ampliado da comunidade, ou qualquer outro espaço que articulasse os moradores em alguma forma de vivência coletiva. Ao contrário, predominava o encerramento dos moradores em suas vidas privadas. A associação (ou o que sobrara dela) ao invés de agregar, tornava-se espaço de poucos (muitas vezes reduzida à figura de seu presidente), reproduzia relações de tipo clientelista com políticos e com o poder público (inclusive se transformando em espaço para promoção de

políticos que visavam se candidatarem em eleições). Emblemático disso foi o fato de que, após alguns anos, a casa que era a sede comunitária acabou ruindo. O exame da trajetória dos moradores nos anos seguintes à ocupação e ao mutirão é bastante revelador quanto aos processos de segregação da cidade. Não era difícil constatar o recolhimento às suas vidas privadas e o pouco interesse em participar dos espaços coletivos, mesmo ainda havendo uma série de questões pendentes (por exemplo, não tinham a escritura das casas). Também reclamavam da perda dos espaços e das práticas de sociabilidade, tal como o das festas e das celebrações coletivas. Referindo-se a este período, dona Marta, antiga moradora da localidade reclama:

O que eu não gosto aqui é o que se tornou de uns dez anos pra cá. Droga, tráfico, isso eu nunca vou aceitar na minha comunidade. Se eu pudesse, eu fazia uma varredura e tirava todos eles daqui, que lidam com isso, que vivem disso. Isso é o que eu não gosto na minha comunidade, que a gente fundou tijolo por tijolo, pedra por pedra, então é o que eu não gosto. No mais, o que eu sinto muita falta... se não tem uma área de lazer, não tem nada assim, para levar criança pra brincar, não em casa comunitária bonita, apresentável... Então isso também me deixa chateada, porque tu vai em outros bairros, mais pobre que seja, mas tá organizado e tudo. (Marta, 2009).

A falta de união e a perda dos espaços festivos também aparecem na avaliação de Janete, antiga moradora e uma das importantes lideranças da localidade:

A comunidade hoje está péssima. No começo nós éramos muito unidos, agora não vê mais reunião, não vê mais festa nenhuma, eu acho que a comunidade é cada um pra si mesmo. Era tão bom antes, porque tinha festa, a gente participava de encontro, a gente ia passear, agora, oh. (Janete, 2000).

É nesse contexto que se desenvolve a juventude da localidade, a segunda geração. E a percepção de um tempo perdido no passado não é privilégio dos antigos moradores, como evidencia a fala abaixo de um jovem morador da localidade:

[Éder] – Já foi melhor [morar na Nova Esperança], porque tinha uma época que, chegava final de semana, dava oito, nove horas da noite, tinha

uma porrada de gente na rua. Durante a semana, deu cinco horas não fica mais ninguém na rua. [...] Final de semana, então, nossa!

[Entrevistador] – Mas por conta do quê? Por conta da violência?

[Éder] – Por conta do próprio pessoal mesmo, pelos próprios moradores... (Éder, 2009).

Na fala de Éder, o problema não se encontra na violência, mas nos próprios moradores: o novo componente, identificado na fala dos moradores mais antigos, a violência, não se apresenta no depoimento de Éder, mesmo quando sugerido pelo entrevistador. Ao invés disso, situa sua explicação para o esvaziamento das ruas nas escolhas dos moradores.

Entre escolhas e possibilidades, duas gerações

A saída encontrada pela primeira geração para responder à necessidade de moradia foi o movimento coletivo. E foram bem sucedidos nessa escolha: em seus depoimentos esse sentimento traduziu-se no reconhecimento ao movimento e àqueles que os apoiaram (Canella, 2010). Uma das antigas lideranças, dona Janete, criticava enfaticamente aqueles que não expressavam gratidão aos religiosos e outros apoiadores do movimento: “Tudo que eles têm hoje devem à nossa luta”. Na verdade, em que pese a reclamação desta senhora, o que pude constatar foi o profundo respeito do conjunto dos moradores por aquelas pessoas que de alguma forma estiveram envolvidas com as lutas protagonizadas no passado.

O período em que os moradores localizam a “crise da comunidade” corresponde a uma transição na qual as estratégias coletivas, não mais possibilitando melhorias nas condições de vida, cederam lugar a estratégias individuais de resolução de conflitos e encaminhamento de demandas. A perda de uma sociabilidade marcada pela solidariedade e cooperação mútuas, que proporcionava momentos de prazer, parece ter sido o preço pago por essa opção por estratégias individuais.

Essa mudança não foi de forma alguma uma especificidade da Nova Esperança. Os movimentos de luta por moradia, que fizeram surgir uma série de novas localidades na Grande Florianópolis, não encontraram maior ressonância na cidade a partir de meados dos anos 1990. Como colocado anteriormente, o cenário dos movimentos em Florianópolis pouco diferiu

do nacional. Mesmo com a eleição de um prefeito fortemente identificado com os movimentos sociais, Sérgio Grando (1993-1996),³ as tentativas de incorporar os atores políticos das periferias urbanas nos espaços de participação não foram bem-sucedidas. Para alguns analistas, como Edalea Ribeiro (2005), as dinâmicas participativas desfavorecem os setores mais populares, pois exigem outro perfil de militante, normalmente mais escolarizado, com habilidades como debate intelectual, boa retórica, capacidade associativa, disponibilidade de tempo, capacidade de diálogo com as autoridades e conhecimentos jurídicos.

Assim, a segunda geração da Nova Esperança não pode contar com a alternativa de participação num movimento coletivo para conquistar seu espaço na cidade. A conquista da casa própria (um bem com tanto valor simbólico e material em classes populares) para a nova geração passou por outras alternativas. Eles não buscaram criar uma alternativa coletiva, mas é necessário considerar que um importante diferencial com relação à geração anterior situa-se no encolhimento do campo de possibilidades de inserção na cidade: não contaram com um movimento organizado e enfrentaram problemas de desemprego. Desse modo, compreender a inserção destes jovens de periferia na cidade, processo que envolve a complexa interação entre as escolhas e as possibilidades,⁴ depende do exame atento das trajetórias dos atores e dos significados por eles conferidos às suas escolhas.

Finalmente, antes de passarmos à análise dos depoimentos dos jovens, cabe uma última observação com relação à perspectiva aqui adotada na abordagem do conjunto específico de atores aqui enfocados, constituído pelos jovens da localidade. A incorporação de um componente geracional à análise local, além evitar as homogeneidades e simplificações, conduz a reflexão a uma dimensão que traduz muitas das tensões das sociedades contemporâneas. Assumindo a perspectiva geracional, as idades deixam de ser apenas referências cronológicas, uma vez que permitem a percepção da ruptura com padrões e atitudes da geração anterior, afirmando os estilos de vida, que se referem às mudanças entre as gerações. A pluralidade de estilos de vida não

3 A Frente Popular era composta por partidos como PPS (do prefeito Sérgio Grando), PT (do vice-prefeito Afrânio Boppré, partido hegemônico na Frente), PDT, PSB, PCdoB, PSDB, PV e PCB.

4 Gilberto Velho (1999) e Alfred Schutz (1979) contrapõem (e articulam) as noções de projeto (conduta organizada, no nível individual, para atingir finalidades específicas) e campo de possibilidades (as alternativas construídas do processo socio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura).

implica na relação de equivalência entre eles: na sociedade moderna há uma maior valorização do estilo de vida associado à juventude. Como observa Guita Debert, “a característica marcante desse processo é a valorização da juventude que é associada a valores e a estilos de vida e não propriamente a um grupo etário específico”, sendo que “a promessa da eterna juventude é um mecanismo fundamental de constituição de mercados de consumo” (Debert, 1996 apud Peralva, 1997, p. 23).

Nessa perspectiva, os conflitos geracionais podem ser entendidos como a defesa de padrões únicos de comportamento por instituições que Gilberto Velho (1999) denomina como instituições encompassadoras, que limitam o movimento na direção da liberdade de estilos de vida preconizados pelo individualismo moderno.

Esse processo é perceptível entre os jovens de periferias, tal como o grupo aqui investigado. As práticas dos jovens podem ser analisadas como parte de processos de individualização, pois nelas se constata que a presença da família e daquelas instituições que os vinculam ao plano local são cada vez mais reduzidas nas suas sociabilidades e projetos de vida.

No entanto, é necessário observar que esse processo de individualização também se manifesta entre o conjunto dos moradores da Nova Esperança. Uma de suas manifestações pode ser exemplificada na fofoca (nos termos locais: a “falação”). Da mesma forma que em outras localidades urbanas pobres, a fofoca está presente entre os moradores, mas é de forma veemente repudiada pelos mais antigos (que a apontam recorrentemente como um dos principais problemas da convivência no plano local). A reação a ela pode ser interpretada como uma demanda por maior privacidade no cotidiano vivido na localidade. Do mesmo modo, o abandono dos espaços coletivos de sociabilidade. Diversos depoimentos lamentam a perda de um cotidiano em que os vizinhos sentavam-se na frente de suas casas para conversar, da mesma forma que muitas lembranças remetem às festas que reuniam a comunidade. Contrastam com o período inicial da ocupação, quando moravam sob barracas de lona em outro terreno (nas proximidades de onde se localiza Nova Esperança):

Ninguém chateou de sair lá da Coloninha. [...] Morar sem água, sem luz, sem banheiro, sem nada, aqui era bem melhor. Mas muita gente disse: ‘lá na Coloninha nós éramos mais unido’, e eu também gostava mais da Coloninha. [Pergunto por que isso – Janete responde]: Quando veio pra cá muita

gente começou a pensar muito em si. Aí teve muita divisão, todo mundo... Lá em cima não parecia, assim, que você gostava do que era dos outros. Eu pra mim, eu achava que lá em cima todo mundo era igual, sabe? Mas depois que vim pra cá, não... muita divisão, é aquele que mais pode, que pode mais chora menos... é cada um por si e Deus por todos. Eu não sei se lá o pessoal era mais unido porque queria terra. O nosso projeto era ter a terra, né? (Janete, 2009).

Essa reclamação do tempo presente, marcado por um abandono de laços e referências coletivas, talvez permita pensar, nos termos de Elias, num processo de individualização em curso, que vem se ampliando ao longo dos séculos de grupos bastante seletos e restritos da sociedade para um conjunto maior da sociedade.

À medida que os indivíduos deixam para trás os grupos pré-estatais estreitamente aparentados, dentro de sociedades nacionais cada vez mais complexas, eles se descobrem diante de um número crescente de opções. Mas também têm que decidir muito mais por si. Não apenas podem, mas devem ser mais autônomos. Quanto a isso, não têm opção. (Elias, 1994, p. 102).

No entanto, a explicação de Elias é tomada, no caso aqui analisado, não como fato, como algo dado, mas como tensão. Se tomarmos como exemplo os casamentos e a forma como muitos dos jovens se relacionam com os papéis sociais que o seu meio lhes atribui, as referências cronológicas da geração anterior se colocam com muita força entre eles. Mas também é possível perceber que existe incorporada nos jovens a expectativa de serem mais autônomos, e talvez esse elemento constitua-se como uma das chaves para a elucidação de muitos conflitos geracionais.

Neste artigo, o exame da tensão do que denomino como processo de individualização baseou-se na análise de dois aspectos da vivência de sua juventude: de um lado, a relação com os espaços coletivos existentes no plano local; de outro, a relação com o consumo de massas. Para tanto, trato aqui do exame da trajetória de dois jovens cuja inserção nos espaços da cidade e na vida adulta condensa muitas das características desse processo na vida de outros jovens de sua vizinhança.

As trajetórias de vida, no âmbito desse trabalho, foram incorporadas levando em consideração a crítica de Sabina Loriga, que nos alerta para os

riscos de se “enclausurar a existência [...] em busca de uma improvável unidade de sentido” (Loriga, 1998, p. 246). Para Bourdieu, a ilusão biográfica consiste na organização, como linearidade histórica, do que antes eram traços isolados (Bourdieu, 2000). O entendimento que perpassa o presente artigo, e que motivou o recurso às trajetórias pessoais, é que elas permitem, como bem observou Sabina Loriga (1998, p. 246), “se interrogar não apenas sobre o que foi, sobre o que aconteceu, mas também sobre as incertezas do passado e as possibilidades vividas”. De acordo com Loriga (1998, p. 248-249): “não é necessário que o indivíduo represente um caso típico”, pois as “vidas que se afastam da média” permitem perceber melhor “o equilíbrio entre a especificidade do destino pessoal e o conjunto do sistema social”. Nessa especificidade do destino pessoal, dá-se relevância à dimensão da escolha, nos termos já definidos acima.

Nas próximas páginas, concentro os esforços na análise de duas dessas trajetórias.⁵

A trajetória de Renato: projetos e elevação da autoestima

Renato estava com apenas quatro anos quando sua mãe participou da ocupação que fez surgir a Nova Esperança. Como muitas outras crianças de sua vizinhança, participou dos projetos que eram oferecidos à comunidade por ONGs comprometidas com o combate à exclusão social e com a defesa dos direitos da infância. Em que pese o vínculo da localidade onde nasceu com a história de lutas sociais e enfrentamentos políticos na cidade, não só Renato, mas toda a sua geração teve uma trajetória bastante distinta da de seus pais, especialmente no que se refere à participação política. Assim como a maioria dos jovens da Nova Esperança, Renato não participou de espaços políticos como grêmios estudantis. No entanto, sua passagem pela escola foi marcada por um forte protagonismo. Em seus relatos, ressaltou o quanto teve papel de liderança na turma, nos momentos em que era necessário questionar os professores, seus critérios de avaliação, ou sua autoridade disciplinar. Tinha por hábito colocar-se à frente e falar por todos os colegas. Renato orgulha-se disso.

5 Entre 2008 e 2010 foram realizadas entrevistas com 12 jovens da localidade.

Ser líder de turma eu não era, deixava pras outras pessoas. Mas acontecia que daí eu perguntava, às vezes nós tinha três aulas de matemática, e também já respondia: ‘Por que é que a gente tem que ter três aulas de matemática?’ – ‘Renato, vocês têm três aulas de matemática porque vocês tão muito ruim na classe, tá?’ – ‘Ah, tá’. Então, pelo menos... É porque outros ficam me perguntando: ‘Ô, Renato, pergunta lá pro professor se é isso...’ Eles sentem medo, têm receio de perguntar, e eu não tinha. (Renato, 2008).

Também nos projetos dentro da comunidade essa característica se fez presente (o que posso testemunhar como coordenador de algumas atividades das quais Renato participou). De espírito carismático e forte magnetismo pessoal, sempre soube cativar aqueles que estavam à sua volta. No projeto dos bombeiros juvenis, desenvolvido pelo Corpo de Bombeiros, recebeu apoio dos coordenadores das atividades e sempre foi incentivado para que prosseguisse nos estudos – recordo durante uma das entrevistas que um deles foi a sua casa pra entregar-lhe apostilas para um concurso. Em outra ocasião, mostrou-me um equipamento para escaladas que ganhou de presente de um dos instrutores.

A sua trajetória apontou para a reflexão de muitos analistas do tema da juventude brasileira contemporânea e a participação política. Tal reflexão se faz necessária porque havia, da parte daqueles que coordenavam os projetos na Nova Esperança (grupo no qual me incluo) uma preocupação em incorporar os jovens do projeto, na época de sua implantação, com a participação na associação. Fruto de outro momento político do país, a participação política desses jovens deve ser pensada em outros termos. Esse é o pressuposto que orienta Paulo Krischke em suas análises sobre cultura política e participação política no Brasil. O tipo de participação que esperamos (ou cobramos) dos jovens está relacionado a outro modelo de participação e de juventude, extraído muitas vezes, de outras realidades sociais: “Muitas vezes os pesquisadores e as lideranças investem na juventude expectativas de mudança extraídas de outros contextos, que não condizem com a trajetória histórico-cultural do país nem com os incentivos e condições abertos à sua participação” (Krischke, 2005, p. 323-324).

Na mesma direção dessa crítica de Krischke, Marília Spósito (2005) observa que se assume como parâmetro de análise o modelo de participação constatado em outras décadas, tal como, por exemplo, a participação estudantil, e destaca a motivação dos jovens atuais com relação aos temas

culturais em oposição ao seu afastamento das formas tradicionais de participação política.⁶

A trajetória de Renato e de seus amigos, que evitam a participação nos espaços políticos locais, o inscreve numa tendência da juventude de seu tempo. Bem falante, articulado, confiante, com magnetismo pessoal (carismático), corajoso no enfrentamento com autoridades: as mesmas características que o tornaram uma liderança entre os jovens de sua localidade, o conduziram, em outro contexto, a se transformar em uma liderança de um movimento político.

Junto com outros jovens, foi liderança do grupo Ação Radical, o qual, a partir do apoio da Universidade, realizava atividades de rapel, escaladas, trilhas, além da formação nos bombeiros juvenis, que envolvia uma formação bastante prática, incorporando as habilidades dos esportes radicais, além de testes de sobrevivência. Examinar a história desse grupo e seu significado na trajetória de Renato oferece algumas importantes reflexões acerca da condição juvenil em classes populares. O grupo Ação Radical surgiu do desejo dos jovens da Nova Esperança. A proposta partiu deles, mas foi viabilizada por um projeto de extensão universitária. Houve uma grande adesão dos jovens da localidade. Criaram um forte sentimento de grupo, estabelecendo uma sociabilidade cotidiana e todo um conjunto de regras de convivência. Com relação a essas regras, que eram formalizadas, chamou a atenção a forma como espontaneamente estabeleceram um “pacto antidrogas” (os coordenadores e monitores eram orientados a não impor o debate dessa temática aos jovens, evitando que os projetos assumissem um caráter modelador do comportamento dos jovens). Por esse pacto, a participação no grupo tinha como condição não ser usuário frequente de drogas.

O final dessas atividades e a dissolução do grupo coincidiram com a entrada na vida adulta, quando muitos começaram a assumir responsabilidades da vida adulta. É por esta via que Renato explica o final do grupo:

Isso daí foi... foi se acabando. Um fazia uma coisinha aqui, outro fazia lá, e aí se acabou. Onde uns já tão sendo pai, outros já tão... Ainda bem que ninguém do foco não caiu, assim, nas drogas, ou coisa pesada, assim... Tão

6 Spósito (2005) arrola toda uma diversidade de práticas coletivas entre os jovens, ainda pouco visíveis e escassamente investigadas, tais como: a produção e circulação de meios de informação, como fanzines, rádios comunitárias, produção de vídeos e de redes via internet, entre outros.

tudo trabalhando. Das equipes de tutor tão trabalhando. Pra tu ver como o projeto teve importância na – pode ter acabado, mas acabou assim, na hora que era pra acabar, ele acabou, entendeu? É porque... daí, porque o projeto pegou nós já com uma idade, as pessoas já tinha que trabalhar, não sobrou muito tempo, foi se acabando, só que se acabou numa hora boa, entendeu, na hora que era pra acabar mesmo... O projeto pegou nós, assim, numa idade perigosa, e largou nós... ‘ó, agora vocês se viram.’ (Renato, 2008).

A continuidade do grupo faria parte do que se convencionou denominar como prolongamento a juventude. No entanto, “na hora que era pra acabar mesmo”. Enquanto encerrava suas atividades nos projetos de extensão, Renato assumia uma série de novos compromissos: trabalho, paternidade e casamento, construção de uma casa.

Suas referências ao novo momento de sua vida colocam em destaque a busca da ascensão social, onde o trabalho e o comportamento de poupança, no contexto de uma família bem organizada, são meios importantes para chegar a essa meta.

Mais do que reprodução de um padrão familiar (lembro que tais elementos não estiveram presentes em muitas famílias da primeira geração da localidade, até mesmo pela própria precariedade das condições que vivenciavam) a defesa dessas práticas por parte de Renato pode ser interpretada como ruptura de um ciclo que aprisiona os jovens a uma dinâmica de violência. Sua afirmação dos valores da família também nos sugere considerar a observação de Gilberto Velho (1999) de que os projetos individuais, no contexto de uma sociedade marcada por uma ideologia individualista, não significam necessariamente afirmação de um estilo de vida que rompa com as configurações de valores e instituições tradicionais, as “unidades encompassadoras”. A ruptura com o passado de militância política e participação comunitária da geração anterior não tem que se traduzir obrigatoriamente, na trajetória de Renato, em um estilo de vida individualista. A afirmação de estilos de vida, em oposição às referências cronológicas, não ocorre sem ambiguidades. Segundo Gilberto Velho, tais ambiguidades seriam a própria marca da vida na sociedade moderna. Outra dimensão destacada por Renato tem a ver com a questão do isolamento social, a qual parece ser menor do que a mãe. Em sua trajetória, observa-se uma inserção maior nos espaços da cidade. A experiência de trabalho na Assembleia Legislativa pode ser tomada como experiência de reconhecimento de outro espaço

social, de contato com outro universo social – e da percepção das habilidades necessárias para enfrentar esse meio.

Que eu fui, eu fui selecionado, eu fui chamado, não teve nenhuma que eu fui assim, sabe, ‘eu ligo depois’, nunca ela falou ‘eu ligo depois’. ‘Então eu pego o teu número, compareça aqui tal dia’... Isso que eu aprendi bastante, que era o foco do projeto, era esse, de tu saber se relacionar com as pessoas, e tu crescer na vida. Eu acho que eu peguei bastante o foco do projeto, assim, o objetivo do Antonieta de Barros era ensinar pras pessoas, tu saber escolher o que tu quer trabalhar, não o que.. a pessoa tá lá trabalhando, pô, mas nem gosta de trabalhar, se alevanta... Tu se alevanta pra trabalhar todo dia tem que lá fazer uma coisa que tu não gosta ou que tu não... entendeu? Daí, não, o foco é trabalhar o que tu gosta, tu saber se relacionar com as pessoas. (Renato, 2008).

Mais do que a declarada experiência de conhecer a política, o importante é que Renato destaca que viu, que presenciou, que incorporou no seu rol de experiências o contato com um mundo que até então lhe foi sempre bastante distante. Parece não ter aprendido muito de política, mas aprendeu de convívio com o ambiente dela: passou a sentir-se mais parte da cidade onde vive. No entanto, sua trajetória não significou apenas uma adesão ao individualismo de massas (Peralva, 2000). Renato diferencia-se dos outros jovens destacando esse aspecto, e posicionando-se criticamente com relação ao consumo. Assim ele justifica a compra de seu carro: “O carro foi porque dá pra levar compras de supermercado, pra mãe, levar ela, fazer as coisas. Eu sou um guri que não peguei o carro pra mim, assim, eu peguei pra minha família, assim, entendeu?”. Além de justificar o seu consumo por questões familiares, também critica o comportamento de outros jovens de sua localidade quando a questão é comprar:

Pago até agora, tô ralando, não tem? Como é bom tu sair com a tua moto, sair com o teu carro, porra, não devo nada pra polícia, a polícia vem, tu pega o documento, ‘ó, a minha carteira de motorista, o documento do carro, tá aqui’ pra tu não se incomodar, entendeu? Mas eu não posso meter um Golf se eu não tenho condições de pagar um Golf, mas amanhã ou depois eu posso ter trabalho ganhando seis mil, vou juntando, guardo um dinheirinho, eu posso ter um Golf, entendeu? Mas o jovem não tem paciência,

é do jovem, mesmo, entendeu, não tem, eles não têm, não esperam: ‘Não, eu quero só para mostrar’, e quando eles vão mostrar não vale mais a pena, ou já estão na cadeia. É do jovem mesmo, do adolescente, ‘ô, eu quero, eu quero, eu quero’, não, o jovem não tem paciência, né? Eu mesmo... já fui adolescente, adolescente paciência não existe, né? Não têm paciência, cara, eles não têm, não têm, querem ter corrente de prata, querem andar... é agora... (Renato, 2008).

Isso relativizando a análise de Peralva, pois em sua percepção há uma séria crítica ao consumismo de muitos outros jovens, embora essas atitudes de consumo estejam também presentes no comportamento de Renato, como, por exemplo, sua fixação em ter automóveis ou motocicletas. Mas, na percepção que tem de si mesmo, sua relação com o consumo é moderada, e explica muitas das suas escolhas, se comparadas com a de outros jovens. Criticando muitos dos jovens que se inserem no mundo da criminalidade, Renato diz:

Eles quiseram ter as coisas e não quiseram trabalhar. Quem vem dizer pra mim, hoje, assim, ‘ah, eu uso droga e não como’. Não, aí, ele... eu sei, eu vivi, eu sei, os meus amigos têm a mesma idade que eu, estudamos nove anos, estudamos quase a mesma coisa, porque eu consegui e eles não conseguiram? Entendeu? Eu acho assim, ó, não me bota na cabeça ‘ah, por causa da educação, não sei o que...’ não é porque tu tem que entender o que tu quer... entendeu? ‘ah, eu quero um carro’, então, pô, então trabalha... trabalha, entra um dinheirinho, compra um carrinho, depois vai indo, entendeu? Não, eles já querem um Golf... (Renato, 2008).

Renato traça caminhos que o distanciam da geração anterior: muito mais voltado para sua ascensão individual, não desenvolve práticas associativas, ao contrário de sua mãe, que fez da participação política e comunitária um modo de vida. No caso de Renato, suas escolhas o encaminham para um processo de individualização (nos termos de Elias), e podem ser pensadas muito mais como o afastamento do risco comum aos jovens de seu meio do que como ruptura com o comunitarismo e o militantismo.

Por outro lado, pode ser pensada como a presença elementos de permanência com relação à geração anterior, ao assumir as mesmas referências cronológicas de seu meio, tornando-se pai, trabalhador, adotando uma ética do

provedor (Zaluar, 2000). O projeto de Renato, assim, se rompe com o comunitarismo e o militantismo da geração anterior e com os laços sociais locais, reafirma os valores da família. Por trás da ética do provedor, um projeto.

Letícia: entre sair e ficar

Na época da ocupação, Letícia ainda era uma criança de colo. Eu a conheci quando tinha onze anos, no início da década passada, lá pelos anos 2000, 2001. Teve seu primeiro filho aos dezoito anos. Em 2009, aos vinte anos, era mãe de uma menina. É uma jovem cuja beleza, aliada a uma grande simpatia, chama a atenção de quem a conhece, aparentando muita segurança e autoconfiança. Casou-se por conta de uma gravidez não planejada, mas ficou viúva em razão de um acidente sofrido pelo marido.

Participou intensamente dos projetos desenvolvidos na localidade e sobre esse ponto pretendia me debruçar na entrevista. Assim, iniciei com uma pergunta sobre os projetos que a Universidade havia desenvolvido na Nova Esperança, indagando de quais havia participado. Disse que havia participado de muitos, que estava em todos. Dos que mais gostou, destacou o de trilhas, que fez com uma jovem estudante que compunha a equipe de extensionistas da Udesc. Das pessoas que trabalhavam nos projetos, foi com ela que teve a melhor relação. Sobre os projetos considerados importantes para a sua vida, apontou o projeto de informática, no qual trabalhou como monitora.

Também mencionou o curso (“as aulas”) de educação sexual. Disse que foram as que mais ficaram, mas comentou que, apesar delas, engravidou sem ter planejado.

Minha mãe falava: ‘um dia tu vai crescer, tu vai casar, tu vai ter filho’ e eu: ‘Deus que me perdoe, eu não quero casar, eu não quero nunca ter filho’. Pergunta para minha mãe, eu falava: ‘Eu nunca quero casar! Cruz, me amarrar em homem, Deus que me livre!’. Foi castigo! Paguei a língua! Ela falava pra mim: ‘Tá vendo como tu pagou a língua? Nunca mais tu fala essas coisas, que agora tu casou e tem um filho, olha aí, ó’. Eu nunca ia imaginar que eu ia ter um filho, que eu realmente não tenho paciência com criança. (Letícia, 2009).

Ponto de convergência das trajetórias dos jovens aqui investigados, os projetos socioeducativos de que participaram são unanimemente reconhecidos da parte dos que foram importantes para suas vidas, mesmo que os benefícios práticos não tenham aparecido de modo direto, explícito, evidente. Mesmo quando suas práticas aparentemente recusavam de todo os “ensinamentos” das oficinas – o caso de Letícia e sua gravidez não planejada (caso em que não é a única) –, elogiam de modo sincero os projetos; reconhecem sua importância e não veem contradição entre isso e suas práticas aparentemente contraditórias com o discurso. Utilizo, no caso das oficinas de educação sexual, o termo “aparentemente” porque, segundo os professores, a ideia não era redirecionar as práticas e as condutas, mas fornecer informações e proporcionar reflexões que contribuíssem com a escolha sobre as suas próprias práticas, respeitando, com isso, a autonomia dos participantes das atividades.

A trajetória de Letícia pode elucidar um pouco a aparente contradição. De um lado, os projetos preencheram a juventude, demarcaram um momento de convivência coletiva. Coincidiram com uma etapa de vida. De outro, o reconhecimento diz respeito à aquisição de um novo *habitus*,⁷ de um conjunto de disposições que proporcionam maior segurança social e abertura para outros contatos sociais (o que Nadir Azibeiro (2006) muito bem destacou como desconstrução de subalternidades). Oportunizaram experiências que a conduziram ao exercício dessas habilidades.

Letícia, filha de Marta, foi criada sem a presença do pai. Filha caçula, cresceu na Nova Esperança com mais dois irmãos, homens. Entre os filhos, foi a mais aplicada na escola, pois sempre gostou de estudar.

Adaptou-se bem aos projetos que se iniciaram quando era ainda criança – estava então com dez anos. Desde então, passou a se integrar às mais variadas atividades que aconteciam na Nova Esperança. Embora de caráter educativo, essas atividades se misturavam com o lazer, preenchiam o tempo livre, com o que não era ocupado pela escola, aspecto nunca descuidado por sua mãe, e ao qual igualmente se adaptou bem, em tudo sempre considerada boa aluna.

Letícia parece ter tido as possibilidades de vivenciar o lazer intensamente. No início da adolescência, já começava a fazer suas saídas noturnas, em grupos de amigas da vizinhança. Vivência de um lazer de classe, sem dúvida, pois

7 Um novo *habitus* implica a criação de um novo sistema de disposições, que funcionariam como princípios organizadores de novas práticas e representações (Bourdieu, 1996; Martins, 1990).

se restringia mais ao continente. Seu grupo não frequentava, por exemplo, a região do centro ou a Lagoa, bairros preferidos pelos jovens de classe média da cidade. Mas circulou para além dos limites locais, enfrentando a falta de recursos. Conta as aventuras, como ficar sem dinheiro, por gastar muito na noite e ter que voltar a pé de uma boate muito distante de sua casa.

Não reclamava de dificuldades de relacionamentos, mesmo quando mudou de área – foi morar em Barreiros. Demorou um pouco para se acostumar. Sentiu falta das amizades que tinha na Nova Esperança, mas fez novas amizades e montou, junto com seu irmão, um grupo de dança (de axé).

Com o casamento, seu cotidiano sofreu muitas limitações, especialmente no que toca ao lazer, mas continuou vivenciando a juventude: saía uma vez por mês, por falta de recursos, e restringia a sociabilidade aos encontros em casa – “mas tudo certo”. Leticia parece ter gostado bastante dessa alternativa, ligada a uma nova fase de sua vida.

Praticamente, a gente ficava mais em casa, né, quando a gente não tinha dinheiro pra sair. Reunia todo mundo quando não tinha dinheiro ‘opa, vamo lá pra casa, a gente faz um churrasquinho’, aí juntava todo mundo, o dinheirinho que tinha, a gente ia no mercado, comprava uma carniinha, fazia um churrasco, jogava dominó, uma canastra... (Leticia, 2009).

A gravidez, seguida do casamento, e a mudança da Nova Esperança parecem ter demarcado uma fase posterior à da juventude. Saía com os amigos de seu marido, não mais com as amigas, com as quais “aprontava”, se aventurava (tal como no relato sobre a volta a pé da New Time). Após o casamento, e com a maternidade, ficaram as saudades de um tempo. Em seu relato biográfico, demarcou uma etapa de vida: “Aí pegamo e viemo andando... mas era uma época tão boa”. Pergunto: “Tu sente saudade disso?”. “Muita, muita, eu sinto muita saudade de quando eu era mais nova”, ela responde.

Com relação às amizades, disse que agora, após a morte de Fábio, não tem mais amigos. Mesmo Lisa, que andava sempre com ela, não é mais o mesmo: ela trabalha o dia inteiro, estuda à noite, e quando se veem, é “oi e tchau”.

Revelando maturidade, talvez forçada pelas dificuldades que tem enfrentado ao longo da vida (pobreza, ausência do pai, maternidade precoce e indesejada, morte recente e prematura do marido), quando fala do trabalho tem muito claro que deseja conquistar estabilidade. Pensa em fazer concurso

para o Estado, e seu sonho, dentro disso, é ser policial, o que passa também por um curso de Direito. Ela diz: “mas o que eu mais quero, mesmo, é concurso da polícia”. Mas isso parece estar afetando outros projetos que já havia revelado em outros tempos, quando adolescente, como o de ser modelo. De qualquer modo, parece que a maturidade é sua marca, pois, ao invés do deslumbramento, tem a percepção das dificuldades inerentes à imersão nesse campo, totalmente estranho para ela.

Entre seus projetos, está o de comprar uma casa (já deu entrada nos papéis para um financiamento). Ao contrário do que me havia dito em outra ocasião, não pretendia mais construir atrás da casa de sua mãe. Perguntei por quê, e ela respondeu que quer uma casa que seja sua, resultado de sua luta. Como sua mãe lutou pela casa que tem, ela também quer ter uma casa que seja sua, que venha de seu esforço.

Não quer educar os seus filhos na Nova Esperança, não é ambiente para eles. Acha que, por conta da violência, mudou muito. Quanto ao “pessoal vendendo essas coisas” (como muitos outros moradores, hesita antes de falar; sua voz quase some quando se refere ao tráfico ou às drogas e, como outros moradores, até evita mencionar essas palavras). Perguntada, atribui essas mudanças ao pessoal de fora. Mas também “ao pessoal daqui mesmo, que se juntou”.

Tudo indica que o bairro aonde foi morar guarda algumas diferenças com relação à Nova Esperança. Há um respeito maior à privacidade, cujo desrespeito na Nova Esperança parece ser reclamação geral. O que explicaria isso? O passado comum, e o conhecimento mútuo, em uma situação de vivência coletiva partilhada entre todos? A disposição das casas, voltadas para dentro de si, com a vista recíproca de um morador para com o outro?

Olha... o bom de morar lá em Barreiros é que é um bairro quieto. É um bairro que tu faz o que tu quer e ninguém se mete na tua vida, entendeu? Agora, aqui se tu faz alguma coisa, todo mundo já tá sabendo, todo mundo já tá falando, todo mundo vê, todo mundo sabe. Então, lá em Barreiros não, lá é diferente: tu faz... por exemplo: eu vou fazer uma reforma, ninguém se mete, ninguém quer saber se tu tá fazendo alguma coisa ou não tá, se deixa de fazer alguma coisa. Agora, aqui, não: se tu faz alguma coisa todo mundo já tá comentando, todo mundo tá falando isso e aquilo, e fica aquele comentário, assim, sabe, no ar. Eu gosto lá de Barreiros por causa disso: porque ninguém se mete na tua vida. Tu faz o que tem que fazer, tu não faz, então, é um bairro muito bom, muito quieto... (Letícia, 2009).

Com essas palavras, junta-se ao coro dos que reclamam da falta de privacidade. No entanto, não reclamava dessa invasão, mesmo morando num terreno compartilhado, entre familiares, embora tenha reconhecido a existência de alguns problemas. Reconheceu-os após eu perguntar: “Mas, aqui, a interferência, se é familiar, é tolerada, faz parte da família.” “O problema é a interferência de vizinhos”, afirma Letícia.

Chama a atenção sua segurança, o que não constatei em outros jovens.⁸ A autoconfiante Letícia pretende sair, porque deseja algo melhor para si, ao contrário de outros jovens, que não apresentam projetos de futuro. Letícia demonstra ambições; persegue seu sonho de ser policial, quiçá até delegada.

Mesmo que Letícia tenha passado por momentos de instabilidade, algo inerente à juventude ou à sua condição de classe, vivenciava o momento com uma disposição que a diferenciava de muitos jovens de seu meio. E sua disposição aponta para a saída para outros espaços sociais.

Conclusões

As trajetórias de Renato e de Letícia guardam muito em comum com as de outros jovens de sua localidade, cujas trajetórias foram também investigadas, embora não aqui expostas. Um destes aspectos, e que os diferenciam da geração de seus pais no que diz respeito à participação em espaços coletivos locais, é uma sociabilidade que se desenvolveu em projetos educativos e, a partir deles, a inserção em novos espaços.

Os projetos não lhes criaram alternativas profissionais, mas lhes proporcionaram uma maior inserção social. Criaram também a possibilidade, de um lado, de fugirem a um destino comum a muitos de seus vizinhos, de criminalidade ou de vício. De outro lado, proporcionaram-lhes a oportunidade de uma maior inserção no mundo da cidade, dando-lhes as ferramentas para, a partir de suas individualidades, buscarem alternativas para suas vidas.

Tais aspectos não estão isolados, pois a segurança adquirida com os projetos os afastaram, de diferentes maneiras, dos laços locais. Os depoimentos revelam, em Renato, a recusa de um modo de ser jovem (um estilo de vida).

8 Em outras entrevistas realizadas com jovens da localidade, foi possível constatar essa ausência de expectativas quanto ao futuro. Tais depoimentos, no entanto, não serão reproduzidos nos limites desse artigo. Sobre esses jovens, consultar Canella (2011), especialmente o sexto capítulo.

Ao valorizar a família, o comportamento de poupança, relacionados a uma consciência adquirida nos projetos, Renato afirma sua individualização e se afasta de seu antigo universo de convívio social. Letícia, por sua vez, mostra-se decidida a sair e construir seu espaço distante de uma comunidade que não é para ela nem para educar os filhos. Também se afasta de uma vizinhança que ameaça sua individualidade.

Os projetos significaram uma transição para outro tipo de *habitus*, o qual lhes permitiu, por exemplo, buscar alternativas profissionais (mesmo que os projetos não os tenham profissionalizados). Nesse processo de transição, as diferenças se fizeram sentir entre eles, mas mudaram as disposições internalizadas dos que continuaram nos projetos, como ocorreu com Letícia e Renato. Assim pode ser pensada a incorporação pelos jovens de um sentimento de autoestima e de segurança, que favoreceriam ações mais responsáveis, maior autodisciplina, maior responsabilidade e autonomia. Termo que era quase uma palavra de ordem entre os participantes dos mais variados projetos (bolsistas, voluntários e professores): o objetivo de “elevação da autoestima dos jovens”. O termo foi muito bem apropriado por eles (os moradores da Nova Esperança). Nas menções a si mesmos, como indivíduos ou coletividade, sempre foi destacada a elevação da autoestima (especialmente em Renato). Algo perfeitamente compreendido e incorporado por eles e relacionado com o reconhecimento intersubjetivo do sujeito útil e cidadão, de que fala Jessé Souza (2003), ou da constituição do indivíduo, como menciona Velho (1999).

Pode-se dizer que os projetos os articularam coletivamente, mas não no sentido de intermediar com a esfera pública cidadina, tais como o fariam a associação de moradores e outras entidades. Mobilizaram os jovens coletivamente, mas no sentido de encaminhá-los para buscas individuais, reforçando processos de individualização. Assim podem ser interpretadas as percepções negativas dos jovens sobre as sociabilidades no plano local. Também permitem entender porque tanto enfatizaram em seus discursos (e o quanto de fato adquire centralidade em seus projetos) o bem-estar individual, no plano privado, cujo foco se concentrava em ter casa própria, trabalho e constituir família.

Referências

- AZIBEIRO, Nadir Esperança. *Educação intercultural e comunidades de periferia: limiar da formação de educador@s*. 338 p. Tese (Doutorado em Educação) – UFSC, Florianópolis, SC, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2000. p. 183-191.
- CANELLA, Francisco. *A Ufêco e o Movimento dos Sem-Teto: práticas instituintes nos espaços políticos da cidade*. 154 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – UFSC, Florianópolis, SC, 1992.
- _____. *Entre o local e a cidade: memórias e experiências de duas gerações de moradores da periferia urbana em Florianópolis (1990-2010)*. 275 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Uerj, Rio de Janeiro, RJ, 2011.
- _____. *Lembranças do passado e sentidos do presente: notas sobre o sentimento de união em uma localidade da periferia de Florianópolis (1990-2010)*. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do (Org.). *Sentimentos e ressentimentos em cidades brasileiras*. Teresina: EDUFPI; Imperatriz: Ética, 2010. p. 209-236.
- DOIMO, Ana Maria. *A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Anpocs, 1995.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FANTIN, Maristela. *Construindo cidadania e dignidade*. Florianópolis: Insular, 1997. v. 1.
- FERRAROTTI, Franco. *Sobre a autonomia do método biográfico*. *Sociologia: Problemas e Práticas*, Lisboa, n. 9, p. 171-179, 1991.
- GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 1997.
- KRISCHKE, Paulo J. *Questões sobre juventude, cultura política e participação democrática*. In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro M. (Org.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2005. p. 323-350.
- LORIGA, Sabine. *A biografia como problema*. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998. p. 225-249.
- MARTINS, Carlos Benedito. *A pluralidade dos mundos e das condutas sociais: a contribuição de Pierre Bourdieu para a Sociologia da Educação*. *Em aberto*, Brasília, v. 9, n. 46, p. 59-72, abr./jun. 1990.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGÊNIO, Fernanda (Org.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 105-120.

PERALVA, Angelina. *Violência e democracia: o paradoxo brasileiro*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 5/6, p. 15-24, maio/dez. 1997.

RIBEIRO, Edaléa Maria. *Movimentos sociais em tempos de democracia e globalização em Santa Catarina: os anos 90*. Florianópolis: Fundação Boiteaux, 2005.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SOUZA, Jessé. *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

SPÓSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro M. (Org.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2005.

TELLES, Vera da Silva. Anos 70: da experiência da derrota à construção de novos espaços públicos. In: KRISCHKE, Paulo; MAINWARING, Scott (Org.). *A igreja nas bases em tempo de transição*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ZALUAR, Alba. *Amáquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

Fontes orais

ÉDER. [22 anos]. [2009]. Entrevistador: Francisco Canella. Florianópolis, 2009.

JANETE. [48 anos]. [2000]. Entrevistador: Janiane Dolzan. Florianópolis, 2000.

JANETE. [58 anos]. [2009]. Entrevistador: Francisco Canella. Florianópolis, 2009.

LETÍCIA. [20 anos]. [2009]. Entrevistador: Francisco Canella. Florianópolis, 2009.

MARTA. [50 anos]. [2009]. Entrevistador: Francisco Canella. Florianópolis, 2009.

RENATO. [22 anos]. [2008]. Entrevistador: Francisco Canella. Florianópolis, 2008.

Resumo: O artigo discute trajetórias de vida de jovens de uma localidade da periferia empobrecida de Florianópolis, analisando as mudanças nas suas relações com os espaços locais de participação e suas inserções no mundo da cidade. A história da localidade onde vivem relaciona-se com as lutas empreendidas pelo movimento dos sem-teto no final dos anos 1980, o que caracterizou o forte engajamento em ações coletivas da geração de seus pais. Assim, as dimensões pública e privada da vida dos jovens são mais bem compreendidas se contrastadas com a forma como a geração de seus pais se relacionou com os espaços locais e seus distintos processos de inserção no mundo da cidade. Os dados que fundamentam esse artigo foram coletados por meio de entrevistas (seguindo a metodologia da história oral) e por observação participante. Enquanto a primeira geração de moradores, formada pelos pais dos jovens aqui analisados, tem como traço distintivo ter encontrado na mobilização coletiva a principal estratégia para a conquista de seu espaço, o exame das trajetórias de vida da segunda geração revela significativas mudanças em seu processo de inserção na cidade.

Palavras-chave: jovens, periferia urbana, individualização.

Young people from impoverished outskirts and the city: life trajectories and individualization processes (Florianópolis, 2000-2010)

Abstract: This article discusses life trajectories of young people from a poor neighborhood of Florianópolis (Brazil), and analyses how the changes in their relationship with the local spaces of participation. The history of the neighborhood is connected with the struggles of the homeless movement at the end of the 1980s, which characterized their parents' strong engagement in collective actions. Thus, the public and private dimensions of the young people's lives are better understood if compared to the way their parents' generation related to the local spaces, and their individual processes of insertion in the world of the city. The fundamental data for this work were collected by means of interviews (based on the oral history methodology) and ethnographic observation. Whereas the first generation of dwellers, composed of the young people's parents, has as a distinctive feature the fact that they found in the collective mobilization the main strategy to conquer their space, the examination of the life trajectories of the second generation shows significant changes in their process of insertion in the city.

Keywords: young people, impoverished outskirts, individualization.

Recebido em 20/10/2014

Aprovado em 2/12/2014